

Crendices e animais povoavam medicina do Brasil Colônia

DANIEL HESSEL TEICH

Estômago de raposa, crânio humano, cavalomarinho e minhoca já fizeram parte do arsenal da medicina brasileira. Pelo menos da praticada no Brasil setecentista (do século XVIII). A estranha relação consta, inclusive, de uma lista de preços de remédios editada pelo Governo colonial português, em 1758. Coletada nos arquivos públicos de São Paulo, a lista é uma das facetas da mistura que era a medicina brasileira do século XVIII, agora revelada por estudos feitos na Universidade de São Paulo (USP).

Exercida por um pequeno grupo de profissionais, na maioria curjosos sem formação específica, a prática médica era um amontoado de crendices populares e tabus religiosos mesclados a um parco conhecimento científico. Alguns médicos da primeira metade do século XVIII, como o português Bernardo Pereyra, chegavam a dizer que os medicamentos pertenciam a três grupos: naturais (derivados de plantas), mágicos (palavras, caracteres e imprecações) e eclesiásticos (exorcismos e aplicações de relíquias).

À tese de mestrado da historiadora Márcia Moisés Ribeiro, defendida na Faculdade de História da USP, catalogou esquisitices como o uso de sebo retirado dos rins de um homem recém-esquartejado para combater a calvície. Tomando como fontes os compêndios "Erário Mineral", do cirurgião Luis Gomes Ferreyra, editado em 1735, e "Pharmacopéia Jesuíta", do frei Afonso da Costa de Goa, editado poucos anos antes, ela verificou que ambos traziam fórmulas semelhantes, baseadas em plantas e animais nativos.



Editoria de Arte

Saúde era privilégio de poucos

OS PROFISSIONAIS QUE CUIDAVAM DO BRASILEIRO NO SÉCULO XVIII

Médicos - eram menos de cem e podiam ser encontrados somente nas principais cidades da colônia. Formados na metrópole detinham o saber acadêmico e receitavam de acordo com os estoques das boticas

Cirurgiões-barbeiros - na verdade, eram curiosos luso-brasileiros que, pautados pela prática, exerciam a medicina oficial nas regiões mais remotas da colônia e nos bairros populares. Entre suas atribuições estavam barbear, arrancar dentes e sangrar doentes

Curandeiros - caboclos e escravos eram os que exerciam a medicina popular na colônia, já que a maioria da população não tinha recursos para pagar médicos. Apelvavam para todo tipo de recursos: fitoterapia, benzimentos, bruxaria. Não raro eram punidos pela Inquisição

Boticários - proprietários das boticas, onde eram vendidos os medicamentos. Cobravam preços extorsivos e vendiam produtos importados da metrópole que chegavam ao Brasil mofados. A população mais pobre pouco recorria a seus serviços preferindo ir buscar no mato remédios indicados pelos curandeiros

